

UMA OBRA DE ARTE NA UCP

Biblioteca memorial Prof. Eduardo Coelho

*Dália Guerreiro**

*Maria Isabel Roque***

*Investigar é descobrir uma verdade ou, inversamente, demonstrar um erro.
Saber é simplesmente inteirar-se dessa verdade, possui-la uma vez feita.*

Eduardo Coelho

O Professor Eduardo Carneiro de Araújo Coelho, cardiologista e professor universitário, nasceu a 7 de setembro de 1896, em Santo Tirso, no distrito do Porto.

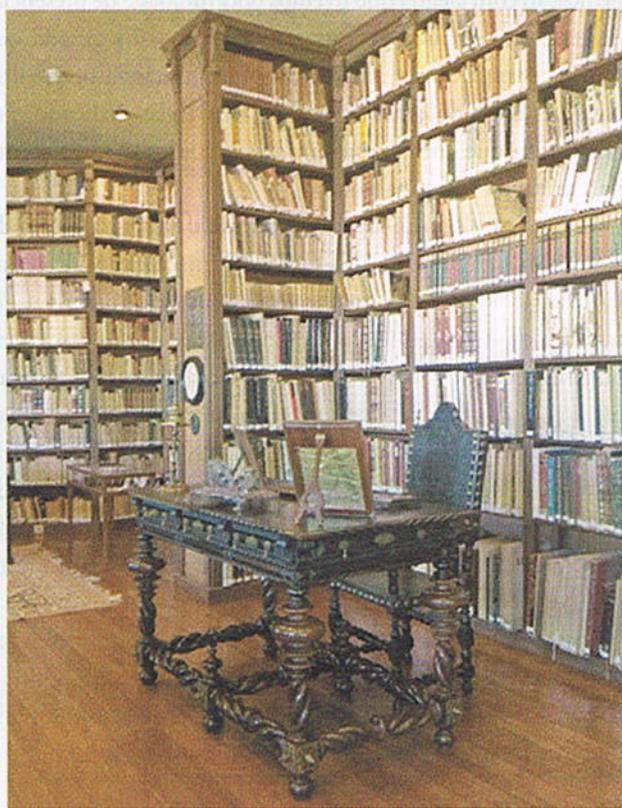
Frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e concluiu os estudos na Universidade de Lisboa, em 1922. No ano seguinte, obteve o grau de Doutor, com 20 valores. Na tese de doutoramento, intitulada *Das Relações do Estado Cerebral com o Estado Mental*,

defendia a relação entre o sistema nervoso e os fenómenos psíquicos como solução para o problema mente-corpo, de acordo com os casos neurológicos observados e analisados em várias clínicas escolares, entre as quais a de neurologia, onde colaborou com o Professor Egas Moniz. Em 1924, iniciou a sua carreira académica como docente, da qual se jubilou em 1965, com a categoria de professor catedrático.

Em 1925, instalou o Laboratório de Electrocardiologia no Hospital Escolar de Santa Marta, dando continuidade à sua investigação científica. Em 1928, fundou o Laboratório de Fisiologia Patológica, no mesmo hospital. Atendendo

* Doutoranda na Universidade de Évora e bolsista da FCT.

** Professora universitária.



Biblioteca Prof. Eduardo Coelho: mesa de trabalho

ao grande desenvolvimento da investigação e da clínica da investigação no âmbito do aparelho cardiovascular, criou e dirigiu uma consulta de cardiologia que evoluiu, posteriormente, para o Centro de Cardiologia, onde deu início aos exames de angiocardiografia e cateterismos das cavidades cardíacas.

Quando o Hospital de Santa Maria foi inaugurado, em 1953, o serviço foi transferido para aqui, com a designação de Serviço de Cardiologia, do qual foi o fundador e primeiro diretor, criando a clínica de cardiologia e o Centro de Estudos de Cardiologia, anexo à Faculdade de Medicina.

O Prof. Eduardo Coelho foi o primeiro investigador a realizar coronariografia em humanos, sendo-lhe atribuída a individualização da cardiologia como especialidade, pelo que, ainda hoje, é considerado, pela comunidade científica, como uma das mais importantes referências no âmbito do diagnóstico e da intervenção cardiovascular.

Foi médico pessoal de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, cujo processo clínico, entre o acidente e a morte, relatou na obra *Salazar, o fim e a morte: história de uma mistificação*, em coautoria com o filho, António Macieira Coelho, e publicada postumamente em 1995.

A sua vasta produção científica inclui obras nos domínios da cardiologia, endocrinologia, de carácter terapêutico e experimental, bem como obras de natureza filosófica e

literária, versando essencialmente temas relacionados com o ensino superior, o pensamento português e personalidades da medicina nacional. De entre as suas obras, destaca-se *A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa* (1934), *A cultura humanista e a Medicina* (1936) e *A cadeira propedêutica médica* (1961).

Faleceu em Lisboa, a 10 de julho de 1974.

Se a vida e obra do Prof. Eduardo Coelho se notabilizaram essencialmente no domínio da ciência, a sua curiosidade intelectual era muito mais vasta, certificando-o sobretudo como um humanista e homem da cultura. “Entendia como homem culto, segundo a realidade do nosso tempo, o homem formado no que denominava o *humanismo científico*. Quer dizer, homens de cultura científica preparados para a missão de enriquecer e fazer progredir a civilização.” (Coelho, 1995a, p. 62) A literatura, a poesia, a história, a geografia, a filosofia e as artes eram domínios transversais que se cruzavam com o conhecimento científico e lhe proporcionavam a universalidade e a solidez do seu saber.

Por outro lado, tinha a convicção de que, segundo o lamento de Fausto, o conhecimento encerrado em livros e em objetos, acumulado em prateleiras empoeiradas é estéril porque “só no uso consiste a propriedade” (Goethe, 1882, p. 46), o Prof. Eduardo Coelho doou o espólio literário e artístico a reconhecidas instituições de cultura. Parte da coleção de cerâmica e mobiliário português do século XVIII, foi legada ao Museu Machado de Castro, alegando ter sido nos primeiros anos da universidade, passados em Coimbra, que despertou para o conceito de humanismo científico (cfr. Coelho, 1995a, p. 64). A biblioteca médica, constituída por setenta e sete assinaturas de revistas internacionais, no âmbito da medicina interna, cardiovascular e de outras especialidades, bem como por numerosas monografias, de grande valor patrimonial e bibliográfico, com particular interesse para a história da ciência, foi doada à Faculdade de Medicina (cfr. Coelho, 1995b, p. 61). Esta doação previa igualmente um fundo monetário para assegurar a continuidade da assinatura dos periódicos.

A biblioteca e arquivo pessoal foram objeto de doação, efetuada em 1980 pela viúva e filhos à Biblioteca Universitária João Paulo II, da Universidade Católica Portuguesa, “por ser conhecido e reconhecido o elevado nível científico do grupo universitário a que Vossa Reverendíssima [Doutor José Bacelar de Oliveira, Reitor da UCP] preside e que, designadamente nos últimos anos da vida portuguesa, preservou a cultura e soube dar dignidade e prestígio ao ensino” (*Carta*, 1980, fl. 1r). O legado cumpria a intenção do colecionador, dado que “era seu expresso desejo

que esta coleção não se dispersasse e continuasse a servir com a mesma intenção” (*Id.*, *ibid.*). Por isso, impunha a condição de manter a integridade da coleção, impedindo a desanexação ou a separação de obras ou documentos isolados: “a biblioteca deverá manter-se una, como entidade individual, e os livros que a compõem não deverão ser dispersos entre volumes de outra ou outras bibliotecas, e que a este legado seja dado o nome de «Biblioteca Professor Eduardo Coelho».” (*Id.*, *ibid.*)

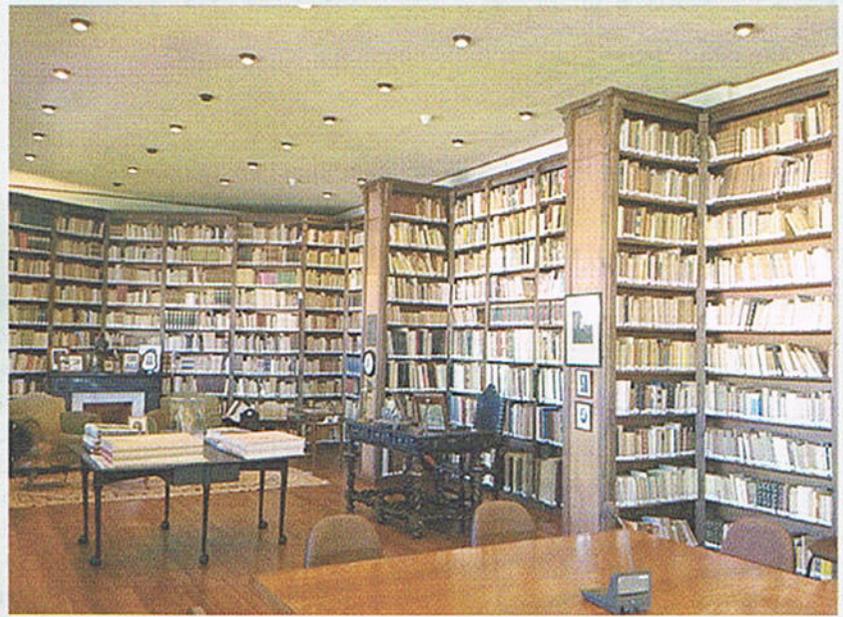
A biblioteca é composta por 22.649 obras (monografias e periódicos), abrangendo as áreas temáticas das Humanidades, nomeadamente, filosofia, história, história da arte e literatura. Constituída ao longo da vida e, por isso, “esta coleção, pelo seu conteúdo, representa a sua paixão pela leitura, o interesse por todos os temas da Cultura e ainda o prazer bibliófilo” (*Id.*, *ibid.*).

Destaca-se, neste acervo bibliográfico, além da sua amplitude e atualização, o critério organizativo e sistematizado da recolha, em particular, no que respeita à atividade editorial portuguesa nestes domínios. Trata-se, essencialmente, de obras publicadas no século XX, mas há alguns exemplares de livro antigo, como a primeira edição da obra *Chronica dos valerosos, e insignes feitos del Rey Dom João II de gloriosa memoria*, de Garcia de Resende, impressa por Antonio Alvarez, em 1622, ou a *Arte poética de Q. Horacio Flacco, traduzida, e ilustrada em portuguez por Candido Lusitano*, impressa em Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, em 1758. Do século XIX, salienta-se a primeira edição, datada de 1888 e em dois volumes, de *Os Maias: episodios da vida romantica*, de Eça de Queirós, e a edição crítica e comemorativa de *Os lusitadas*, de Luís de Camões, com edição literária de Emilo Biel e impressa na Typographia Giesecke & Devrient de Leipzig, no âmbito do centenário camoniano em 1880. Deve referir-se, pela raridade, a primeira edição, de autor, da obra *Dispersão: 12 poesias*, de Mário de Sá Carneiro, com a capa desenhada por José Pacheco, e a primeira edição de *A mensagem*, de Fernando Pessoa, publicada, em 1934, pela Parceria António Maria Pereira. Como coleção estrangeira, pode citar-se a coleção “La Bibliothéque de la Pléiade”, das edições Gallimard, onde se incluem as maiores referências do património literário e filosófico, e

que o Prof. Eduardo Coelho manteve íntegra e atualizada. Há, ainda, muitas obras de autores nacionais e estrangeiros com dedicatórias autógrafas.

O fundo arquivístico é constituído por quatro pastas com cerca de 205 processos, num total de 594 documentos, incluindo cartas, cartões-de-visita e recortes de imprensa colecionados pelo Professor. No conjunto de todo o espólio, é atribuído maior valor ao S:29, que reúne um conjunto de cartas trocadas entre Eduardo Coelho e vários médicos europeus a propósito da doença de Salazar.

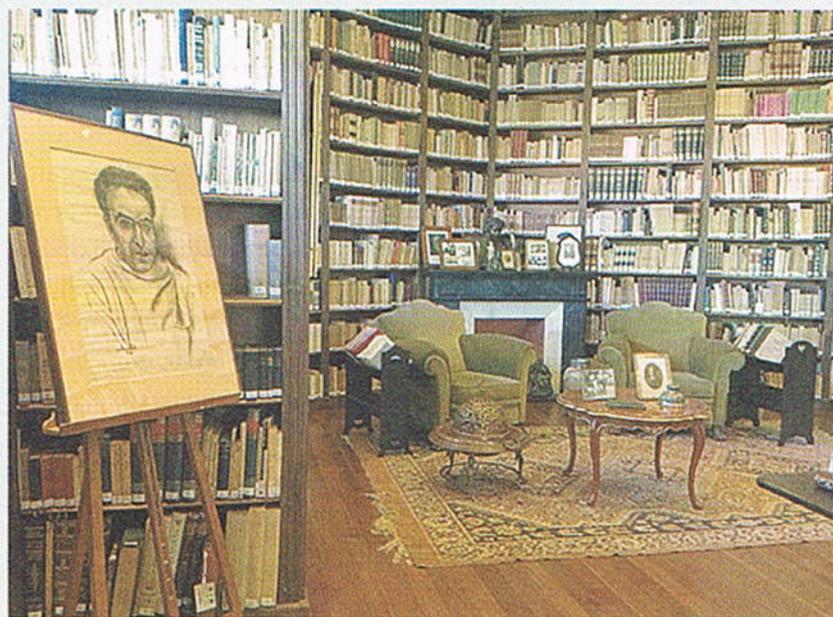
Além das exigências relativas à conservação e preservação e ao tratamento bibliográfico e arquivístico de todo



Biblioteca Prof. Eduardo Coelho: recanto de leitura e mesa de trabalho

o espólio, o doador impunha, como contrapartida, que a biblioteca existente no palacete da rua do Viriato, em Lisboa, fosse fielmente reproduzida nas instalações da instituição recetora. Para albergar todo o espólio bibliográfico foi reservada uma sala no sexto piso do edifício da Biblioteca João Paulo II, junto à Reitoria, onde foi recriado o ambiente original, de acordo com as instruções do antigo possuidor e segundo um modelo de musealização analógica. A biblioteca memorial do Prof. Eduardo Coelho foi, assim, instalada num “espaço imenso, admirável, acolhedor, onde se vive ainda a intimidade do doador, em objetos pessoais que a adornam” (Coelho, 1995a, p. 64).

O espaço foi equipado com as estantes originais e com o restante mobiliário, equipamentos e objetos, igualmente doados e trazidos de sua casa. As paredes são integralmente preenchidas pelas estantes de madeira maciça e escura, austeras, apesar das prateleiras molduradas e das ilhargas com caneluras e pequenos enrolamentos nos topos.



Biblioteca Prof. Eduardo Coelho: recanto de leitura e, à esquerda, retrato a carvão feito por Guilherme Filipe

O ambiente geral é amenizado pelo mobiliário eclético. Para lá dos livros, dispersos sobre a lareira, pelas mesas e nas ilhargas da estante, encontram-se bustos, fotografias, desenhos e, numa referência onomástica, figurinhas de coelho, criando uma epígrafe de humor a este ambiente simultaneamente austero e caloroso. Destaca-se, neste conjunto, um desenho a carvão do pintor Guilherme Filipe e um medalhão em bronze do escultor Cabral Antunes, que retratam o Prof. Eduardo Coelho e sublinham a sua presença neste espaço que assume uma função memorial.

No espaço de leitura, junto à lareira de mármore, sobre um tapete oriental, amplos cadeirões estofados a veludo verde, uma braseira de cobre e uma mesa de charão, em laca vermelha, com decoração *chinoiserie* dourada. Em frente, uma mesa de abas e pernas direitas com pés de bola e garra, sobre a qual se encontra uma estatueta representando Eça de Queirós. Trata-se de um trabalho em terracota, assinado e datado pelo escultor F. da Silva Gouveia¹, cópia do original apresentado em Paris no ano de 1899, e que terá sido adquirida pelo Dr. António Macieira, sogro do Prof.

¹ Francisco da Silva Gouveia nasceu no Porto a 12 de Agosto de 1872. Depois dos estudos na Academia Portuense, foi para Paris, onde foi discípulo de Rodin e conheceu Eça de Queirós. Há notícia de várias cópias, em bronze, desta estatueta de Eça de Queirós, entre as quais uma pertencente ao rei D. Carlos.

Eduardo Coelho, que tinha a estatueta em lugar de destaque na sua biblioteca.

O espaço de escrita é composto por um conjunto de mobiliário barroco português: mesa em pau-santo, com decoração de torcidos e bolachas; cadeira de braços em couro lavrado e pregaria de cobre; sobre a mesa, uma escrivaninha de prata, uma pasta de cabedal, uma candeia de cinco lumes em latão e molduras com fotografias do próprio e da família, compondo o universo pessoal do investigador e escritor.

Assim se cumpre o objetivo de “criar o ambiente de estudo em que durante cinquenta anos se desenrolou uma vida totalmente votada à Ciência e à Cultura” (*Carta*, 1980, fl. 1v).

Referências:

- Carta da Senhora Dona Maria Matilde Macieira Coelho, mulher do Prof. Eduardo Coelho, ao Reverendíssimo Senhor Doutor José Bacelar de Oliveira Magnífico Reitor da UCP.* (1980, 30 de junho de 1980). Universidade Católica de Lisboa, Reitoria, Arquivo.
- Coelho, E. Macieira (1995a). Eduardo Coelho e o conceito de humanismo científico na universidade e na formação do médico. *Acta médica portuguesa*. Lisboa: Ordem dos Médicos, n.º 8, pp. 62-64.
- Coelho, E. Macieira (1995b). Eduardo Coelho pioneiro da cardiologia. *Acta médica portuguesa*. Lisboa: Ordem dos Médicos, n.º 8, pp. 57-61.
- Goethe, Johann Wolfgang von (1882). *Fausto: poema dramático*. Trad. Visconde de Castilho. Porto: J. E. Cruz Coutinho. (Bibliotheca de João E. da Cruz Coutinho; 39).

Agradecimentos:

Ao Senhor Dr. Alfredo Ramalho, Diretor da Biblioteca João Paulo II, às Senhoras Dr.^a Frederica Campos de Carvalho, Dr.^a Adelaide Conceição Abrantes e Dr.^a Ana Folque de Gouveia e ao Senhor Agostinho Reis, agradecemos toda a disponibilidade e colaboração, bem como as informações prestadas e que foram essenciais para a elaboração deste artigo. ■

Propriedade

Universidade Católica Portuguesa – Sociedade Científica
Palma de Cima – 1649-023 Lisboa
Tel.: 35 21 721 40 00 • Fax: 351 21 726 05 46
scientif@lisboa.ucp.pt • www.scucp.ucp.pt

Directora Maria Lúcia Garcia Marques

Revisão Paula Gonçalves

Paginação e Impressão Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

Isenta de Registo na ERC ao Abrigo do Dec. 8/99